



EDITORIAL

POR: PE. NORBERTO BRUM,
Director Diocesano da Pastoral Juvenil

E não é que a Quaresma deu lugar à Páscoa?!

E os “40 dias” dão lugar a uma madrugada que faz acontecer um dia sem ocaso; deixamos o deserto para entrarmos na terra da promessa, aquela onde a vida nos é dada em plenitude e, mais que “leite e mel”, correm-nos rios de água viva, de esperança, amor e libertação porque, afinal, a salvação chegou-nos.

Da morte e do pecado passamos à vida e à graça e tudo porque o nosso Cristo Ressuscitou!

É verdade: Ressuscitou mesmo! Não podia haver outro desfecho para uma história e uma vida tão cheias de beleza e encantamento por esta frágil humanidade! Não poderia haver outra alternativa que não fosse esta: a vida!

O Amor tem destas coisas! São “partidas” agradáveis que tudo mudam e fazem mudar tudo!

E eis a vitória! Não apenas a de Cristo, mas também a nossa... sim, a nossa! Ganhamos o “campeonato” mesmo sem “jogarmos”. Embora façamos alguns “treinos” dificilmente conseguiríamos marcar “golos” se a “bola” não fosse uma cruz terna e eternamente vazia, se a “baliza” não fosse um sepulcro aberto! Não se trata de um facto qualquer, nem de um simples milagre: é Cristo vivo no meio de nós, ressuscitando-nos dos sepulcros em que, tantas vezes, nos depositamos, vencendo Calvários e cruzeiros: a vitória é sempre possível!

O sepulcro esvaziou-se! Ele é sinal das novas possibilidades que se erguem para o Homem do hoje, da vida e da história, é a esperança que ganhou novos contornos e novas cores porque a Vida revelou-se em todo o seu esplendor, porque a cruz que foi levantada, mesmo permanecendo erguida, está vazia porque, mais importante que a cruz de Cristo é o Cristo da cruz, e o Cristo da Cruz Ressuscitou e renova todas as coisas.

E porque “Páscoa” é passagem, nada poderá ser como dantes. Para uma verdadeira vida, uma “morte” autêntica, uma “morte” que dê plenitude ao que sou, tenho e faço, que me dê aquela identidade pascal, que me retire do reino dos mortos e mórbidos e me transfira para o coração trespassado d’Aquele que me procura, mesmo entre os mortos!

Permanecer como dantes seria ficar numa Sexta-feira que, por mais Santa que tenha sido, não passa disso mesmo: de uma ponte para a remoção da pedra do túmulo. Quem fica no túmulo decompõe-se, mas quem ressuscita compõe-se!

Das amêndoas e folares, dos coelhos aos ovos e demais pascais iguarias, passemos do símbolo ao significado, e do significado à vida! Afinal somos um povo pascal, um povo chamado a viver a frescura de um primeiro Dia da semana, a não mais procurar entre os mortos Aquele que vivo está!

Se há pontes que nos ligam, há uma Cruz que nos une! E se sepulcros existem, há uma ressurreição que nos espera!

Ninguém imaginava que a “Quaresma” acabaria desta forma! Custa-nos acreditar, mas é verdade: somos mesmo da vida e para a vida. Basta deixar que a pedra do nosso sepulcro seja removida!

E não é que ela já foi removida?!
Santa Páscoa!

afetos

Pastoral Juvenil • Diocese de Angra

PALAVRA COM VIDA

PÁSCOA DE JESUS

1ª Leitura

Actos dos Apóstolos 10,34^a.37-43

«Comemos e bebemos com Ele, depois de ter Ressuscitado dos mortos»

2ª Leitura

Colossenses 2,1-4

«Aspirai às coisas do alto, onde está Cristo»

Evangelho

São João 20,1-9

«Ele tinha de Ressuscitar dos mortos»



A liturgia deste Domingo celebra a Ressurreição de Jesus e garante-nos que a vida em plenitude resulta de uma existência feita dom e serviço em favor dos irmãos. A Ressurreição de Jesus Cristo é o exemplo concreto que confirma tudo isto.

Na primeira leitura deste Domingo de Páscoa, é-nos apresentado o exemplo de Cristo que “passou pelo mundo fazendo o bem” e que, por amor, se deu até à morte; por isso, Deus ressuscitou-O. Os discípulos, testemunhas desta dinâmica, devem anunciar este “caminho” a todos os homens.

O Evangelho coloca-nos diante de duas atitudes face à ressurreição: a do discípulo obstinado, que se recusa a aceitá-la porque, na sua lógica, o amor total e a doação da vida não podem, nunca, ser geradores de vida nova; e a do discípulo ideal, que ama Jesus e que, por isso, entende o seu caminho e a sua proposta, a esse não o escandaliza nem o espanta que da cruz tenha nascido a vida plena, a vida verdadeira.

O “discípulo predilecto” de que fala o texto é o discípulo que vive em comunhão com Jesus, que se identifica com Jesus e com os seus valores, que

interiorizou e absorveu a lógica da entrega incondicional, do dom da vida e do amor total. Modelo do verdadeiro discípulo, ele convida-nos à identificação com Jesus, à escuta atenta e comprometida dos valores de Jesus, ao seguimento de Jesus. Propõe-nos uma renúncia firme a esquemas de egoísmo, de injustiça, de orgulho, de prepotência e a realizar gestos que sejam sinais do amor, da bondade, da misericórdia e da ternura de Deus.

A segunda leitura convida os cristãos, revestidos de Cristo pelo baptismo, a continuarem a sua caminhada de vida nova, até à transformação plena que acontecerá quando, pela morte, tivermos ultrapassado a última barreira da nossa finitude.

A Ressurreição de Jesus prova, precisamente, que a vida plena, a vida total, a transfiguração da nossa realidade finita e das nossas capacidades limitadas, passa pelo amor que se dá, com radicalidade, até às últimas consequências. Garante-nos que a vida gasta a amar não é perdida nem fracassada, mas é o caminho para a vida plena e verdadeira, para a felicidade sem fim. A vida manifestou-se em Jesus!

SABIAS QUE...



... O Círio Pascal aceso ontem, Sábado Santo, durante a Vigília Pascal, é símbolo de Cristo Ressuscitado, Cristo-Luz?

A palavra círio provém do latim *cereus*, a cera produzida pelas abelhas, sendo que, na liturgia cristã, o mais importante círio que se utiliza é aquele que, ontem, iluminou todas as assembleias que se reuniram nas Vigílias Pascais por todo o mundo, celebrando o grande mistério da nossa fé - a Ressurreição de Cristo. Assim, o círio aceso na Vigília Pascal é símbolo de um Cristo-Luz, de um Cristo que venceu a morte e as trevas e que se assume como Luz do mundo.

O Círio Pascal é, desde as primeiras comunidades cris-

tãs, um dos principais símbolos da Vigília Pascal que, caracterizando-se por se iniciar no meio da escuridão, tem a sua escuridão rompida pelo Círio que é aceso pelo fogo novo resultante de uma fogueira previamente preparada. Habitualmente, o Círio tem uma inscrição em forma de cruz que é acompanhada da data do ano em que estamos e das primeiras e últimas letras do alfabeto grego - alfa e ómega - simbolizando, estas, que a Páscoa de Cristo é princípio e fim do tempo e de toda a eternidade, devendo-nos tocar, em concreto, a cada ano que vivemos, enquanto força redentora.

Para além desta simbologia, poder-se-ão cravar no Círio Pascal pinhas de incenso que representarão as cinco chagas de Cristo. Após a Vigília Pascal e o dia de Páscoa, o Círio deverá permanecer aceso em todas as celebrações durante as sete semanas que constituem o tempo Pascal, posicionando-se ao lado do ambão da Palavra, onde permanecerá até à tarde do Domingo de Pentecostes. Findo o Tempo Pascal, o Círio poderá ser conservado, dignamente, no baptistério, devendo estar aceso sempre que se realizar um baptizado para tomar dele a luz das velas dos novos baptizados. Também durante as exéquias dos irmãos que partem da vida terrena, se possível, dever-se-á acender o Círio Pascal, de modo a que cada cristão possa participar da luz de Cristo “ao longo de todo o seu caminho terreno, como garantia da sua definitiva incorporação na Luz da vida eterna”.

Deixemo-nos, pois, iluminar pela Luz de Cristo Ressuscitado.

Fonte: www.liturgia.pt

POR LÁ

A Esperança da Páscoa

A celebração anual da Páscoa do Senhor é o dia por excelência da passagem à vida nova, a festa das festas cristãs. Por isso, o grito da Igreja que nasceu da Páscoa está inundado pela admiração, exultação e alegria: «*este é o dia que o Senhor fez: exultemos e cantemos de alegria*» (Salmo 117). O encontro com o Ressuscitado transfigura o coração e é a razão para acolher o precioso dom e o compromisso da fraternidade e do cuidado integral. Infelizmente, pelo segundo ano consecutivo, o anúncio pascal chega em tempo de crise pandémica, que desterra a paz e a felicidade. Da Quaresma à Páscoa é uma grande peregrinação de Esperança. Todavia, como interpela o Papa Francisco: “Há cristãos que parecem ter escolhido viver uma Quaresma sem Páscoa. Reconheço, porém, que a alegria não se vive da mesma maneira em todas as etapas e circunstâncias da vida, por vezes muito duras. Adapta-se e transforma-se, mas sempre permanece pelo menos como um feixe de luz que nasce da certeza pessoal de, não obstante o contrário, sermos infinitamente amados. Compreendo as pessoas que se vergam à tristeza por causa das graves dificuldades que têm de suportar, mas aos poucos é preciso permitir que a alegria da fé comece a despertar, como uma secreta, mas firme confiança, mesmo no meio das piores angústias” (*Evangelii Gaudium* 6).

Apesar desta situação dolorosa, não deixemos que se extinga a esperança da Páscoa! Sem ela a vida torna-se árida, insuportável e sem sentido. Cristo Ressuscitado e Glorioso é a fonte profunda da nossa esperança viva. “A sua Ressurreição não é algo do passado; contém uma força de vida que penetrou o mundo. Onde parecia que tudo morreu, voltam a aparecer por todo o lado os rebentos da ressurreição. É uma força sem igual. (...) Cada dia, no mundo, renasce a beleza, que ressuscita



transformada através dos dramas da história. (...) Esta é a força da ressurreição” (EG 276) que trespassa a nossa vida e a nossa história. Não fiquemos à margem desta esperança viva! Peçamos ao Espírito Santo que “vem em auxílio da nossa fraqueza” (*Romanos* 8, 26) para fazer brotar em cada um sementes de vida nova.

Nas casas e nas famílias, a mesa é o lugar da partilha do pão e do dom da comunhão. A mesa continua a ser o lugar do dom da Páscoa: mesa da Palavra, mesa da Eucaristia e mesa da caridade fraterna. Aqui acontece o milagre da fraternidade cristã. A mesa com Cristo leva-nos à missão e à proximidade com quantos são

atingidos pela pandemia e sofrem nos lares, nos hospitais e nas instituições, pedindo a bênção de Deus e a recuperação da saúde e da esperança. Continuamos a partilhar, igualmente, a dor das famílias que perderam os seus entes queridos, confiando-os aos braços misericordiosos do Ressuscitado, assim como a angústia dos que perderam ou viram substancialmente reduzidos os seus rendimentos necessários a uma vida condigna.

Renovamos a nossa gratidão pela heroicidade e dedicação à dignidade da vida humana: aos profissionais de saúde e de segurança, aos voluntários e a todas as pessoas que fazem avançar a história da humanidade nos serviços essenciais e quotidianos ao bem comum. É nos gestos de amor, de partilha, de serviço, de encontro, de fraternidade, que encontramos Jesus Cristo vivo, a transformar e a renovar o mundo.

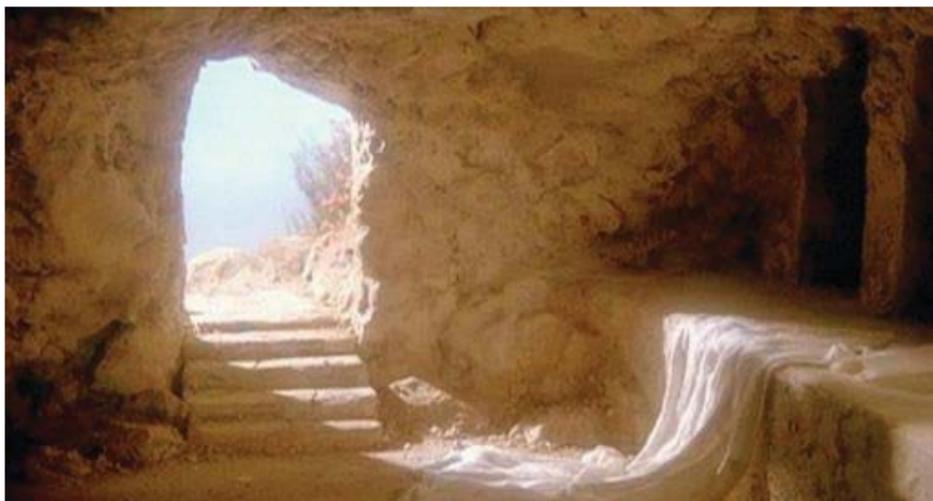
O mundo inteiro prepara-se para sair desta pandemia que nunca ninguém pensou que pudesse ter tantas e tão graves consequências para a humanidade. Devemos entender a crise como um desafio à coragem criativa e à confiança crente. Desta crise temos de sair melhores.

O sepulcro aberto proclama a alegria da presença viva e ressuscitada de Cristo e a Igreja pede-Lhe incessantemente: “*Fica connosco, Senhor*” (*Lucas* 24, 29), para que seja sempre hoje de renovação pascal. Para todos existe a possibilidade de reencontrar a esperança, porque Cristo é a nossa Páscoa (cf. *1 Coríntios* 5, 7) e a nossa paz. A fé, a esperança e a caridade que nascem e renascem da Páscoa frutificam, quando nos tornam mais irmãos e cidadãos mais ativos para se realizar a justiça e a paz, o perdão e o amor.

Mensagem do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa

ENTRE NÓS...

Páscoa – a festa da vida



A nossa vida é feita de começos e recomeços. Momentos em que paramos, fazemos o balanço de tudo o que se passou e projetamos o futuro, mais ou menos entusiasmados, com uma perspetiva de curto ou longo prazo.

Chegamos ao fim do ano e fazemos a retrospectiva necessária de como vivemos o ano, o que foi bom e o que queremos mudar ou melhorar. Da mesma forma, no nosso aniversário, fazemos o balanço de mais um ano, na expectativa de um novo ciclo que se renova, cheios de esperança e de desejo de viver, com uma felicidade cada vez maior.

E como o reavivar destes momentos nos pode ajudar a viver verdadeiramente a Páscoa?

Começamos pelo início, com um verdadeiro exame de consciência. Uma paragem tão difícil e desafiante, cheia de percalços, vivida entre a pressa e a correria do dia a dia e a necessidade urgente de parar, de darmos o tempo necessário para assimilarmos, ouvirmos a voz do nosso coração, a voz de Deus. Deixarmo-nos tocar pela Paz e vivê-la, senti-la de tal forma que possamos contagiarmo-nos mutuamente com esta calma. Parar para se deixar

tocar profundamente.

Ora, e se muito bom e enriquecedor é este caminho, bem mais é o que lhe segue. Esta experiência de se viver perdoado, a alegria de nos sentirmos filhos amados e sempre acompanhados. A experiência de ressuscitar com o verdadeiro Jesus.

Que bom e feliz é este caminho. Mas só é completamente verdadeiro se representar um morrer e nascer para nós.

Morrer para tudo o que nos faz sermos tristes, egoístas, superficiais, cheios de aparências e vazios de conteúdos. Morrer para o nosso orgulho, reconhecermos-nos fracos quando nos é mais difícil e quando mais falta nos faz. Deixarmo-nos esvaziar do egoísmo de aparecer, dando espaço à mensagem do Mestre, para que apenas ela seja o centro. Sentirmo-nos capazes de anunciar a Palavra escutada, mesmo que seja uma ideia de outros, sem esperar impressionar pela forma, mas pelo conteúdo.

Claro que estas mortes na nossa vida não podem ficar por aqui, por si só não representam um fim, mas um objetivo atingido. Só fazem sentido se forem um ponto de viragem. Elas potenciam em nós a capacidade de deixarmos nascer o verdadeiro Amor, de termos espaço no nosso coração para o que realmente interessa, para a felicidade que urge em ser anunciada, espalhada e concretizada na nossa vida e na dos irmãos. E não nos iludamos com grandes gestos, afinal um simples e verdadeiro sorriso pode mudar uma vida.

A ideia, mesmo não sendo original, é a prova de que se caminhamos todos como povo, temos de partilhar esta vivência.

Tomemos consciência, este não é mais um tempo. É o tempo!

É o tempo da Festa da Páscoa. Sim, Festa!

É a Festa da Vida que se realiza com o renascer e ressuscitar do nosso coração. E se assim é, só podemos estar felizes. Felizes por fazermos parte, por sermos filhos preferidos. Por termos sido como Maria que “escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada” *Lc* 10, 42.

É a Festa que só faz sentido se a vivermos, se estivermos presentes, felizes. Algum de nós já preparou uma festa para os convidados assistirem? Queremos, tal como o nosso Jesus, que os “felizes convidados para a ceia” vivam e disfrutem.

Então, já fomos convidados, já preparamos a Festa. Vamos viver e ser felizes ao jeito de Jesus?

Luis Toste